

SALVAR O PORTUGUÃSS EM OLIVENÃA

16-Oct-2007

RESUMO DE INTERVENÃO NO
CONGRESSO DA LUSOFONIA EM BRAGANÃA (5-Outubro-2007)

UM LUGAR ONDE A LÃNGUA PORTUGUESA (VARIEDADE ALENTEJANA...) ESTÃ EM AGONIA

(inclui reflexÃes de um jovem local de 28 anos)

Â Â Â Â Â

Â Em 1840, trinta e nove anos apÃs a ocupaÃÃo espanhola (1801), o PortuguÃs foi proibido em OlivenÃa, inclusivamente nas Igrejas. Todavia, ele foi sobrevivendo, numa deliciosa toada alentejana, que logo as autoridades, vigilantes, classificaram como "chaporreo", palavra de

difÃcil traduÃÃo (talvez "patois"; talvez "deturpaÃÃo"), que criou complexos de inferioridade nos utilizadores, levando-os, cada vez mais, a usar a LÃngua Tradicional apenas a nÃvel caseiro, dentro do aconchego do lar. Mesmo com esses condicionalismos, depois de duzentos anos de pressÃo, ela Ã entendido e falado por cerca de, pelo menos 35% da populaÃÃo, segundo cÃlculos da UniÃo Europeia (Programa Mosaic).

Como sucede, contudo, nestes casos, em qualquer ponto do Globo, o PortuguÃs foi perdendo prestÃgio. NÃo sendo utilizado nunca em documentos oficiais, na toponÃmia (salvo se traduzido e deturpado), ou em qualquer outra situaÃÃo que reflectisse a dignidade de um idioma, manteve-se, discretamente, por vezes envergonhadamente.

A ditadura franquista piorou a situaÃÃo. Nas dÃcadas de 1940, 1950, e 1960, era rarÃssimo, mesmo impossÃvel em alguns casos, encontrar professores, polÃcias, funcionÃrios em geral, que fossem filhos da terra oliventina, na prÃpria OlivenÃa. Colonizadores inconscientes, peÃes numa polÃtica geral de destruiÃÃo das diferenÃas por toda a Espanha. Por ironia da HistÃria, alguns desses cidadÃos "importados", com muito menos complexos que os naturais porque nÃo tinham, quaisquer conflitos de identidade, ou os seus filhos, puseram-se a estudar os aspectos "curiosos", "especÃficos", da cultura oliventina, acabando por produzir trabalhos de valor sobre a cultura da sua Nova terra, que podem chamar para sempre, e sem contestaÃÃes, de Terra MÃe, por adopÃÃo, por paixÃo, ou jÃ por nascimento.

A Democracia abriu algumas novas perspectivas, mas os fantasmas nÃo desapareceram de todo. Alguns cursos de PortuguÃs foram surgindo, com maior ou menor sucesso. Por vezes ao sabor de questÃes polÃticas, como durante a DÃcada de 1990 .Â Em 1999/2000, continuando em 2000/2001, a Embaixada de Portugal em Madrid, e o Instituto CamÃes, passam a apoiar o ensino do portuguÃs no Ensino PrimÃrio em todas as EscolasÂ de OlivenÃa. Incluindo

as Aldeias. Apenas TÃliga, antiga aldeia de OlivenÃa transformada no SÃculo XIX

em município independente, est j ainda de fora deste projecto, para o qual foram destacados, primeiro tr s, depois quatro professores portugueses.  o urgente acudir a T liga, onde só 10% da popula o ainda tem algo a ver com a Língua de Camões. Foi dado um primeiro e importante passo. Mas não se tem revelado suficiente. O Estado Português dever j tentar influenciar mais a tomada de outras medidas, dada até a sua posi o sobre o Direito de Soberania sobre Oliven sa: o ensino da História (que não   feito em parte nenhuma em Oliven sa), por exemplo: a utiliza o prática da Língua, em documentos oficiais, toponímia, etc.; a continua o do Estudo do Português até níveis de ensino mais avançados; e tantas coisas mais que se poderiam referir!

Acima de tudo,   preciso dar ao Português dignidade... e utilidade. Revalorizar o Português que sobrevive, o qual, por ser uma variante da fala lusa regional do Alentejo,   vítima de comentários pouco abonat rios.

Deve-se "fazer a ponte"

entre as velhas gera es e os jovens alunos. Ensinando-lhes, por exemplo, a partir de exemplos da velha poesia popular e erudita oliventina, no idioma de Camões, e que   ainda, graças a recolhas etnográficas e a alguns poetas populares vivos, suficientemente conhecida para tal. Porque, sem perceberem que estão a dar continuidade   cultura dos seus av s, os jovens oliventinos dificilmente compreenderão que aprender a

língua lusa   muito diferente de aprender uma língua estrangeira (Inglês, Franc s, Alemão).  o preciso dizer claramente que o Português   imprescindível para que as novas gera es compreendam o que as gera es anteriores quiseram transmitir.

Por tudo isto, a situa o actual

não   famosa. H j estudos recentes que falam em "declínio do Português em Oliven sa", no seu uso coloquial, como um trabalho da Professora Maria de Fátima Resende Matias, da Universidade de Aveiro. Como dizia um jovem oliventino (Junho de 2007), a este respeito,  «isto   uma verdadeira tragédia; depois de pouco mais de 200 anos, o português vai desaparecer em Oliven sa; a alma dos povos   a língua; a língua   a memória,

  tudo; em Oliven sa vão ficar somente as pedras, as fachadas, do que foi o seu passado português; Não h j nada mais triste que conhecer que o fim vai chegar e ninguém fiz[fez] nada para evitá-lo; ninguém compreende que a morte do último luso-falante vai ser a morte da alma portuguesa, o fim de gera es falando português nas ruas, nas moradias, no campo oliventino, ao longo de mais de sete séculos? ». E continua:  «O artigo da senhora Fátima Matias

explica perfeitamente as razoes e o contexto da agonia do português em Oliven sa; mas... agora j j não h j ditadura; Deverá-amos ficar orgulhosos de ter esta riqueza linguística e procurar defesa e o ensino do português oliventino; (...) e, um pouco também, o Estado português   também responsável; com independência de questões de índole soberanista, deveria implicar-se na promo o do português em Oliven sa e não somente não reconhecer [a soberania espanhola] e não fazer nada. »

Pode-se aplaudir o que se faz

hoje, mas   imprescindível algo mais: fa sa-se um estudo do Português-Alentejano falado em Oliven sa, e ligue-se o mesmo ao Português-Adr o ensinado nas Escolas, de modo a fazer a liga o entre as gera es e produzir uma normal continuidade que deveria naturalmente ter ocorrido. Assim se corrigir j a distor o introduzida pela

pressão do Castelhana. Este estudo pode ser feito por quem se mostre capaz de o fazer: portugueses, mas também alguns especialistas e linguistas estremenhos. A nenhum Estado (Portugal ou Espanha) se poderá perdoar deixar morrer uma cultura! O aspecto político da questão, que existe, pode ser secundarizado ao máximo.

Os Primeiro passo poderá ser umas Jornadas, ou um Congresso, sobre o

tema, que reúna a participação de especialistas e autoridades das mais diferentes origens, unidos pela sua boa vontade...